

ESPORTE E LITERATURA

Prof. Fernando Ferreira Mello (Colégio Estadual)

RESUMO

Apreciar o intercâmbio conceitual entre esporte, especialmente o futebol, cultura e literatura é o principal objetivo desse artigo. Para tanto, é preciso entender a importância das práticas esportivas desde a antiguidade. Os jogos na Grécia e em Roma do período clássico faziam parte da cultura desses povos a ponto de colaborar com a formação de uma identidade comum que fortalecia os laços de união nacional. Daí é possível entender o pensamento agonístico nas relações sociais dessas sociedades arcaicas e a situação problema do atleta vitorioso ao se tornar um herói eternizado na memória coletiva da 'pólis'. Os jogos também eram muito importantes em Roma Imperial o que nos leva a pensar nas relações político-sociais que existiam entre sociedade e imperador através dos espetáculos oficiais da Cidade de Roma, capital do Império. Além disso, é necessário recordar a história do futebol mundial e a origem do mesmo no Brasil. Assim como, buscar algumas incidências dessa temática na literatura brasileira.

Palavras-chave: 1. Futebol e esporte. 2. Cultura na Antiguidade. 3. História e Literatura.

ABSTRACT

Appreciate the conceptual interchange between sport, especially football, culture and literature is the main goal of this article. To do so, one must understand the importance of sports practices since antiquity. The games in Greece and Rome the classical period were part of the culture of these people to the point of supporting the formation of a common identity that strengthened the bonds of national unity. Hence it is possible to understand the agonistic thought in social relations and the situation of those archaic societies problem victorious athlete to become a hero immortalized in the collective memory of 'ho polis'. The games were also very important in Imperial Rome which leads us to think about the political and social relations that existed between society and emperor through official spectacles of the City of Rome, capital of the Empire. Moreover, it is necessary to recall the history of world football and the origin of it in Brazil. Like, get some implications of this theme in Brazilian literature.

Keywords: 1. Soccer and sport. 2. Culture in Antiquity. 3. History and Literature

OS JOGOS NA GRÉCIA

A vida na 'polis' representa um ideal de coletividade em que são valorizados diversos princípios que devem estar vinculados ao comportamento do cidadão heleno. Tomado como cidadão todo o homem grego livre que consegue participar da vida social de maneira a demonstrar tais valores como a aceitação do outro das decisões coletivas, a hospitalidade, a publicidade da vida, ritualização, religiosidade, isonomia, hierarquia jurídica, honra e vergonha, entre outros. (LESSA, 2005, p. 327).

Nesse contexto, o esporte desempenha um papel fundamental como elemento civilizatório, além de estabelecer a coesão social através do respeito à disciplina e o incentivo a solidariedade. Na visão de Norbert Elias, o esporte é uma categoria de atividade social que se desenvolveu inserida no processo de civilização, estando a sua continuidade com os Jogos Olímpicos gregos justamente no processo de civilização marcado pelo autocontrole dos comportamentos no conjunto das relações sociais (GARRIGOU; LACROUX, 2001, p. 69-70)¹. Hoje em dia, o esporte é ferramenta importante na redução da criminalidade em regiões mais violentas.

Dessa forma, a prática esportiva era um elemento importante na formação do cidadão da pólis e constituía uma das áreas da paidéia helênica. Por isso, a paidéia, a formação do homem grego, é mais importante ainda para a formação do espírito do que para a aquisição das aptidões corporais no *agón* (JAEGER, 1995, p. 18)². Em uma educação que busca o equilíbrio entre o corpo e a alma, os jogos desempenham um papel importante já que um corpo bem ordenado e forte é uma das expressões do ideal grego. Assim, o princípio de harmonia defendido por Apolo, é levado a Epidauro, pela escola de medicina de Asclépio, filho do deus oracular, através da máxima *purifica tua mente e teu corpo estará curado* (BRANDÃO, 2012, p. 95-96). Este equilíbrio de corpo e alma também foi manifesto em uma sentença latina, *mens sana in corpore sano*, mente sã num corpo sã, expressão de Juvenal.

Esse *agón* é um termo grego que significa dirigir-se para, reunir-se em assembleia. Do verbo *ageiro*, reunir, surgiu a cognata, pela pronúncia em latim, *ágora*, que significa praça, lugar próprio para

¹ Citação indireta retirada do texto *O Esporte como memória e festa na Hélade* de Fábio de Souza Lessa.

² Citação indireta retirada do texto *Os jogos e as instituições sociais em sociedades arcaicas e primitivas* de Amós Coelho da Silva.

reuniões de todo tipo na Hélade, desde encontros religiosos até alguns atos jurídicos. E o termo Agón ainda encerra outro significado conforme é apresentado por Amós Coelho:

Enfim, ‘agón’ significa assembleia, reunião (para jogos, festas, atos religiosos...), mas, como incluía o elemento competição, passará mais tarde ao sentido de combate; daí, no teatro, protagonista: prot-, primeiro; agón-, luta; sufixo -ista, aquele que entra em emulação contra os deuses (SILVA, 2005, p. 158).

Segundo Pierre Chantraine, o sentido mais frequente em Homero é o de assembleia para jogos e, por extensão, combate (SILVA, 2005, p.159). Já o Dicionário de Símbolos aponta que *o jogo é fundamentalmente um símbolo de luta* (CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A., JOGO, 1994). Sendo assim, a palavra agón expressa o ato de reunir e a força da guerra. O espírito agonístico da sociedade grega, que não se constituía nação unificada, promovia a união das diversas comunidades em torno da religiosidade e dos jogos. Para CHEVALIER, J. & GHEERBRADT, A., *os jogos desenvolvem as facultades de adaptação social*. Dessa forma, qualquer cidadão poderia participar das competições como conceitua Jean-Pierre Vernant:

A sociedade grega não é, por outro lado, do tipo hierárquico, mas igualitário. A cidade define o grupo daqueles que a formam situando-os num mesmo plano horizontal. Quem não tiver acesso a esse plano está fora da cidade, fora da sociedade, em última análise fora da humanidade, como escravo. Mas qualquer indivíduo se for um cidadão, está em princípio apto a desempenhar todas as funções sociais, com as suas implicações religiosas. Não há casta sacerdotal, tal como não há casta guerreira (VERNANT, 1987, p. 27).

Quando ocorriam os grandes jogos, mesmo em momentos de conflito entre os diversos povos gregos, os participantes dos jogos recebiam um salvo-conduto, uma carta de armistício, como se fosse um “habeas corpus”, com o qual transitava sem ser incomodado.

O jogo era uma oportunidade para aproximar os cidadãos da Hélade e servia como símbolo de uma identidade que deveria ser construída. Na ausência de conflitos, os jogos satisfaziam a necessidade de treinamento e preparo devido ao clamor por competitividade. O atleta busca a honra e o respeito de todos através da vitória, contemporaneamente, ocorre uma exaltação da competição e não do resultado através do tão conhecido slogan o importante é competir, mas, para o atleta grego antigo o importante era vencer (LESSA, 2005, p. 327). Era através da vitória que ele conquistava o seu lugar na sociedade e eternizava o seu nome como herói. Contudo, para que o atleta viesse a se tornar um herói, era necessário dedicá-la aos deuses, sem os quais o homem não é nada.

O veículo que guardava o nome do atleta para posteridade era a poesia. Píndaro, através de suas *Odes*, destacou os feitos dos heróis atletas e imortalizou seus nomes, assim como a poesia de Homero destacou e imortalizou os feitos dos heróis guerreiros. Além disso, enumerou em várias partes de sua obra as qualidades do herói: deve ser um cidadão que cultua os deuses, que seja forte, corajoso e leal, deve atribuir suas vitórias aos deuses e ser um leal combatente e recebe como recompensa a imortalidade, a coroa e o néctar dos deuses. Contudo, é na obra de Píndaro que fica evidente o quanto a vitória humana depende da vontade divina.

Pítica I

Dos deuses provêm os recursos
Para as virtudes humanas;
Eles nos dão o talento,
A força dos braços

Pítica III

Somente a divindade outorga sucessos:
Ora eleva este ao céu, ora sua mão rebaixa aquele
Saibas encontrar o teu caminho, observando a moderação.

Olímpica XIII

Não se deve pedir aos deuses senão o que convém
a corações mortais. É mister ter olhar fixo
nos próprios pés, para nunca esquecer sua condição.
Não aspire, minha alma, a uma vida imortal;
pelo contrário: exaure o campo do possível.
Todos as coisas têm um medida

VIII Ode Pítica

Seres efêmeros! Que é cada um de nós?
O que não é cada um de nós?

O homem é sonho de uma sombra!

Mas, quando os deuses pousam

Sobre ele um raio de sua luz,

Então vivo fulgor o envolve

E adoça-lhe a existência!

O herói, portanto, preconizado por Píndaro, é um representante do corpo coletivo uma vez que seu dilema fundamental, a glória eterna da vitória frente à necessidade de exaltação dos deuses, é também o dilema do cidadão comum que se espelha no herói atleta. Essa mesma relação dialética é ressaltada na tragédia em que o indivíduo, normalmente, é punido pela sua desmedida, *hýbris*, sendo esmagado pela *moira*. Também há uma dimensão coletiva do herói da poesia de Homero, que representa o seu povo no momento do combate. Assim, as práticas esportivas... *ajudam a traduzir o homem e o ser social que ele é, seus desejos, seus paradoxos e perplexidades, seus contextos e contradições* (MURAD, 2005, p. 76)³. Dessa forma, *o jogo imita... a plenitude da vida* (AGUIAR, 2010, p. 158).

E como tudo o que acontecia na 'pólis', os jogos eram ações, acima de tudo, religiosas. Os principais Jogos Gregos eram cultos dedicados a determinados deuses. O mundo grego contava com vários jogos em honra aos deuses. Mencionaremos os principais:

Jogos Olímpicos

Era o principal dos Jogos Gregos e ocorria na cidade de Olímpia em honra a Zeus. Os jogos duravam sete dias de competição e aconteciam de quatro em quatro anos. Na *Olímpica 10*, Píndaro canta a fundação dos *Jogos Olímpicos* por Hércules, em latim, Hércules e isso ocorreu em 776 a.C.. Os primeiros jogos tratavam-se de uma corrida de 192 m, tamanho do Estádio de Olímpia e mais tarde, surgiu o pentatlo.

Os Jogos Olímpicos ficaram suspensos por 1502 anos; a partir de 1986, ressurgiram do idealismo do Barão Pierre de Coubertein, acendendo a tocha olímpica (SILVA, 2005, p.161).

Jogos Píticos

Esses jogos foram criados em 528 a.C. e também ocorriam de quatro em quatro anos tendo a duração de quatro dias. Eles realizavam-se em Delfos, nas encostas do monte Parnaso, e eram oferecidos a Apolo para perpetuar a vitória do deus sobre o dragão Píton, antigo guardião do Oráculo de Delfos.

O ponto diferencial dos *Jogos Píticos* eram os concursos artísticos, que abriam os jogos, uma vez que Apolo era Deus das artes, da música e da poesia. Como diz Junito de Souza Brandão: *os Jogos Píticos, ao contrário dos Olímpicos, cuja tônica eram os concursos atléticos, deviam seu esplendor, sobretudo, às disputas musicais e poéticas. Em Olímpia imperavam os músculos; em Delfos, as Musas* (BRANDÃO, 2012, p. 99).

Jogos Ístmicos

Esses jogos ocorriam na cidade de Corinto, em honra a Posídon. São mais antigos que os Jogos Olímpicos, pois Herácles, durante a sua terceira celebração, matou Ctéato e Êurito, filhos de Augias. Depois disso, organizou uma expedição através da qual também matou Augias e entregou o trono de seu reino a Fileu. Depois desse feito, fundou os *Jogos Olímpicos*. Os jogos duravam quatro dias.

Jogos Nemeus

Esses jogos ocorriam dois anos após os Jogos Ístmicos na cidade de Neméia, em Argólida. Os jogos eram dedicados a Zeus e duravam quatro dias. Foram os últimos jogos a desaparecer.

As Panateneias

Era a principal festividade em honra a deusa Atená, toda a cidade de Atenas participava do evento que durava sete dias. Quando começaram, ocorriam anualmente, mas a partir de 566-565 a.C. passaram a ser realizados a cada cinco anos.

Além desses jogos, havia outros como os jogos funéreos, lembrança de determinadas mortes marcantes e as Hefestias, em homenagem a Hefesto, só como exemplos.

OS JOGOS ROMANOS

O Império Romano era um conjunto difuso de diversas culturas e de grande confluência de povos conquistados na medida em que Roma não agia de maneira xenófoba apagando a cultura dos povos conquistados como séculos depois vieram a fazer os povos ibéricos em relação às colônias de exploração. Pelo contrário, o latino absorvia a cultura do povo conquistado e a integrava aos seus paradigmas simbólicos. Dessa forma, a cultura grega foi uma das fontes dessa absorção; os deuses gregos ganharam

³ Citação indireta retirada do texto *O Esporte como memória e festa na Hélade* de Fábio de Souza Lessa.

correspondentes na mitologia latina. A filosofia e as artes gregas também passaram por esse processo, além de práticas esportivas.

Com relação aos jogos em Roma, destaca-se a importância política e social que mantinham. Apesar de, a exemplo dos realizados pelos gregos, esses jogos estarem vinculados a determinadas divindades, a relação deles com o poder em Roma chama maior atenção. Essa esfera de entendimento do lúdico com o político pode ser analisado a partir de uma frase de Juvenal:

Desde que não há mais sufrágios de poder a vender, o povo não cuida de nada; ele, que antes distribuía os plenos poderes, tudo enfim, abateu suas pretensões e não deseja ansiosamente mais que duas coisas: pão e circo. (Juvenal, Sátiras, X, 80-81)⁴

A expressão *pão e circo* durante muito tempo foram interpretadas apenas como forma de controle absoluta em que a atenção do povo é desviada dos assuntos políticos para se ater aos espetáculos. Contudo, essa é uma visão simplista e que não contempla toda a conjuntura envolvida nessa prática não observando a reação da contracultura. E esse viés de pensamento é confirmado por Michael Foucault:

O domínio e a consciência do próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo investimento do corpo pelo poder... Mas, a partir do momento em que o poder produziu esse efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu corpo contra o poder, da saúde contra a economia, do prazer contra as normas morais de sexualidade, do casamento, do pudor. E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado (FOUCAULT, 2012, p. 235).

Assim, o poder atua sobre o indivíduo por aceitação deste, entretanto esse indivíduo também exerce poder no sentido inverso. Aplicando esse conceito aos jogos de Roma pode-se dizer que os Imperadores Romanos por diversas vezes tentaram explorar politicamente o espetáculo, no entanto os jogos ocorriam por um gosto do povo e não por simples imposição. Inclusive serviam para a manifestação da contracultura, fato que mostra que os jogos nunca estiveram como forma garantida de controle. Nesse sentido, afirma Flávio Aguiar:

As ideologias que se pretendem hegemônicas postulam o aproveitamento do esporte (aliás, de tudo) para consolidar a sua hegemonia. Mas se assim fosse de fato, a sociedade capitalista, por exemplo, não precisaria da guerra, em última instância, para organizar a sua produção de fetiches. É que no lúdico algo sempre termina por escapar à manifestação da ordem (AGUIAR, 2010, p. 164).

Dessa forma, por várias vezes havia manifestações da população, tanto no circo como nos anfiteatros, que aproveitava os espetáculos para protestar e fazer pedidos. *O imperador Augusto recolhia aplausos durante os espetáculos* (Suetônio, Augusto, LIII). *Mas, ao mesmo tempo recebia solicitações* (Suetônio, Augusto, XXXIV)⁵.

Ao longo do tempo muitas foram as razões que causaram reclamação da plebe. As crises de carestia, o abastecimento irregular de cereais, a alta no preço de determinados produtos, além dos altos valores dos impostos estão entre alguns deles. Certa vez, *Nero ouviu protestos contrários à alta carga tributária* (Tácite, Annales, XIII, 50)⁶. *O imperador atendeu aos pedidos diminuindo ou abolindo os impostos mais pesados* (Suetônio, Nero, X)⁷.

Houve durante os espetáculos, inclusive, muitas confusões nas quais ocorreram atos de violência e grande agitação. Tais distúrbios eram punidos com a proibição dos baderneiros participarem dos jogos, proibição de realização dos jogos por parte dos promotores do evento, banimento e exílio.

Contudo, os jogos também apresentavam ações de caráter político. *O circo era certamente um excepcional cenário no qual o imperador atuava com a devida pompa – exercendo seu papel de dirigente triunfador nas guerras e promotor da paz, da fartura e dos espetáculos* (ALMEIDA, 1994, p. 135).

Por isso, os imperadores faziam-se presentes nos jogos como forma de identificar-se com as massas. Houve alguns deles que até participaram dos espetáculos. *O caso mais célebre foi o de Cômodo. Ele teria procurado assegurar sua popularidade na Cidade atuando como gladiador e em caçadas no circo* (Gagé, 1986, p. 662)⁸. E esses combates de gladiadores representavam a modalidade de evento mais característico de Roma, por não ser encontrada em qualquer outra sociedade dentro dos mesmos parâmetros (ALMEIDA, 1994, p. 138). Esses jogos constituíam parte importante do poder político por reunir uma grande plateia em um único espaço.

E diferentemente dos jogos gregos, em Roma, normalmente, os gladiadores eram prisioneiros de guerra, criminosos ou indivíduos livres que não tinham outra forma de renda. Através de tal quadro pode-se considerá-los como figuras de marginalização não integradas a sociedade. A esse grupo juntam-se os

⁴ Citação indireta do texto *Imperial power and politics in the oficial entertainment*.

⁵ Citação indireta do texto *Imperial power and politics in the oficial entertainment*.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

⁸ Citação indireta do texto *Imperial power and politics in the oficial entertainment*.

cristãos, que se afastaram dos comportamentos vigentes e, por isso, eram consideradas pessoas alheias à sociedade (ALMEIDA, 1994, p. 138).

ORIGEM DO FUTEBOL NO MUNDO

O futebol oficialmente organizado é um esporte centenário, mas que já ensaiava sua aparição a mais de um milênio através de alguns jogos de povos primitivos. A forma mais antiga do jogo pode estar vinculada a um exercício de um manual militar dos séculos II e III a. C. encontrado na China. Este antepassado do futebol foi chamado Tsu 'Chu, o site da FIFA descreve assim o jogo:

This Han Dynasty forebear of football was called Tsu' Chu and it consisted of kicking a leather ball filled with feathers and hair through an opening, measuring only 30-40cm in width, into a small net fixed onto long bamboo canes. According to one variation of this exercise, the player was not permitted to aim at his target unimpeded, but had to use his feet, chest, back and shoulders while trying to withstand the attacks of his opponents. Use of the hands was not permitted.

No Japão, também houve um jogo semelhante que começou entre 500 e 600 anos após o originário da China e se chamava Kemari. Diferia do anterior por não ter caráter competitivo. Os gregos também jogaram bola com os pés, foi o 'Episkyros' do qual há poucos detalhes e, posteriormente, os romanos adotaram uma modalidade similar a dos gregos chamada "Harpastum". Contudo, o futebol como conhecemos hoje começou na Grã-Bretanha.

O futebol primitivo era desorganizado e mais violento que o atual. Demorou até que se estabelecessem regras uniformes aceitas por todos os praticantes do esporte. No início, cada grupo fazia suas próprias regras. Om esse respeito a FIFA explica que

Curiously, it was not until nine years after the rules of football had been first established in 1863 that the size and weight of the ball were finally standardised. Up to then, agreement on this point was usually reached by the parties concerned when they were arranging the match, as was the case for a game between London and Sheffield in 1866. This encounter was also the first where the duration was prearranged for 90 minutes.

O jogo desenvolveu-se de forma mais séria, principalmente, nas grandes escolas inglesas como Eton, Harrow, Winchester e Charterhouse. Outra importante instituição de ensino que contribuiu para a difusão do futebol a universidade de Cambridge, que lutou pela uniformização das regras do esporte causando uma cisão entre os adeptos do Rugby e do Futebol. Em 1871, foi criada a federação inglesa de futebol e em 1872 foi criada a mais antiga competição de futebol: a Copa da Inglaterra.

Depois disso, várias federações começaram a surgir: a da Escócia (1873), a do País de Gales (1875), a da Irlanda (1880), a da Holanda, a da Dinamarca (1889), a da Nova Zelândia (1891), a da Argentina (1893), a do Chile, a da Suíça e da Bélgica (1895), a da Itália (1898), a da Alemanha e do Uruguai (1900), a da Hungria (1901) e da Finlândia (1907). Em Maio de 1904, foi fundada a FIFA com sete membros fundadores: França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Espanha (representada pelo Madrid FC), Suécia e Suíça. A entidade cresceu e

By the late 1930s there were 51 FIFA members; in 1950, after the interval caused by the Second World War, that number had reached 73. Over the next half-century, football's popularity continued to attract new devotees and at the end of the 2007 FIFA Congress, FIFA had 208 members in every part of the world.

FUTEBOL NO BRASIL

O futebol chegou ao Brasil em 1895, no começo da República. O esporte já era conhecido na Europa e foi recebido como mais uma modernidade a ser aprendida. O primeiro a apresentar o jogo no país foi Charles Miller, filho de um importante industrial inglês que foi para a Inglaterra para estudar e conheceu o esporte. Quando voltou de viagem trouxe as regras e as primeiras bolas de futebol.

O futebol era o esporte das elites uma vez todo o material precisa ser importado da Europa o que encarecia o jogo. Era um espaço de confraternização de industriários e burgueses enquanto o esporte mais popular era o remo. O primeiro time de futebol do Rio de Janeiro foi o Fluminense do qual surgiu depois o futebol do Clube de Regatas do Flamengo.

A organização do esporte era amadora, ou seja, um espaço dedicado unicamente para lazer, nesses moldes apenas as elites tinham condições de participar do jogo. Por isso, houve desde 1910 movimentos a favor da profissionalização, que era proibida pelas elitistas confederações carioca e paulista. Entretanto, a partir da década de 20, alguns clubes já burlavam a proibição com o pagamento dos chamados *Bichos* – pagamentos por recompensa pelas conquistas. Era período conhecido como amadorismo marron. Não demorou muito e em 1933, o profissionalismo foi legalizado o que permitiu a jogadores passarem a se dedicar totalmente ao futebol, além favorecer a democratização do esporte que deixou de ser o esporte das elites para ser o jogo das massas, vencendo inclusive o racismo:

Outra questão bastante presente era a racial. Não podemos esquecer que a abolição da escravidão ocorreu em 1888, menos de quarenta anos antes do período a que aqui nos referimos. O racismo ainda era muito

forte e foi um tema que marcou (e ainda marca) o futebol brasileiro. Em seu primeiro momento, por ser um esporte da elite, não existiam jogadores negros, mas, a partir da democratização, negros e mulatos passaram a ser incorporados ao futebol e a participar dele. Por conta disso, a questão veio à tona (MAGALHÃES, 2010, p.19).

O futebol tornou-se o esporte nacional, que apesar de sistematizado na Inglaterra, teve no Brasil o ápice do simbolismo futebolístico conhecido como país do futebol e maior campeão da história das Copas do Mundo com cinco títulos mundiais.

MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS NO FUTEBOL

O futebol como esporte de massa cria oportunidades para inter-relações sociais e disputas políticas. Ao longo de toda a história dos jogos, houve incidentes que demonstraram essas potencialidades.

A Guerra Fria, por exemplo, é caracterizada pela ausência de confrontos diretos entre os pólos socialista e capitalista. A Copa do Mundo de 1974 desmistifica essa informação. No sorteio dos grupos da competição, o primeiro grupo deixou a expectativa pela partida entre Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha estava arrasada e foi dividida para a sua recuperação em lado socialista e lado capitalista. Com o desenrolar desse processo, criou-se grande rivalidade entre os dois lados da Alemanha com a conhecida divisão através do Muro de Berlim. A Guerra Fria entrou em campo: separados pelo muro, unidos dentro de um mesmo campo, alemães oriundos dos dois lados.

A Alemanha Ocidental era tecnicamente superior uma vez que contava com craques renomados como Sepp Meier, Franz Beckenbauer, Paul Breitner e Gerd Muller. Ainda assim, para a surpresa geral, a Alemanha Oriental venceu o confronto com um gol de Jürgen Sparwasser. As duas Alemanhas passaram de fase, mas com a vitória, o lado oriental conquistou a primeira posição do grupo, fato que simbolizava uma vitória soviética. Contudo, a Alemanha Ocidental foi à campeã desse mundial vencendo na final a Holanda, a famosa Laranja Mecânica. Isso inverteu os lugares na disputa esportiva, colocando os americanos em vantagem.

Ao longo de décadas, as diversas ditaduras latino americanas também procuraram aproveitar se do futebol para pregar a sua ideologia. No Brasil, a seleção brasileira da Copa de 1970, sofreu intervenções do governo militar, principalmente, no caso da troca do técnico João Saldanha, considerado subversivo e muito influente pelo Regime Militar. Em 1966, a liderança do comando militar fracassou ao interferir no futebol, mas em 1970, a vitória da seleção brasileira fortaleceu o *slogam Pra frente Brasil*.

Já durante a olimpíada de Londres, em 2012, o meio-campista sul-coreano Park Jong-woo envolveu-se em um imbróglia na disputa pela medalha de bronze contra o Japão. A Coreia venceu e o jogador recebeu de um torcedor uma faixa que dizia *Dokdo é nosso território*, em alusão a uma disputa territorial entre as duas nações asiáticas. A FIFA precisou punir o atleta com suspensão e multa.

Um dos casos mais interessantes refere-se a torcida do Barcelona, que manifesta-se, frequentemente, durante as partidas da equipe no Camp Nou, estádio do clube. Sempre aos 17 minutos e 14 segundos, a torcida canta a favor da independência da Catalunha. O horário faz referência ao ano de 1714, quando um levante catalão foi sufocado pela monarquia na Espanha.

E durante o ano de 2013, na abertura da Copa das Confederações, realizada no Brasil, a torcida cantou o Hino Brasileiro com grande emoção e intensidade em um período em que diversos protestos se deflagravam pelo país, especialmente no Rio de Janeiro. O canto da torcida mostrava o orgulho ferido do brasileiro que, em um Maracanã totalmente cheio, vaiou a presidente Dilma Rousseff.

FUTEBOL NA LITERATURA

O futebol é um esporte que foi oficialmente organizado na Inglaterra, apesar das experiências que o antecederam, mas tornou-se um ponto marcante da cultura brasileira. Essa identificação é tão forte que o futebol tornou-se um dos maiores consensos do país uma vez que sua apreciação independe de postura política, concepção filosófica ou credo. No Brasil, essa modalidade esportiva é um catalizador de emoções e um espetáculo catártico por excelência, logo é natural que a literatura busque contato com esse assunto.

Dessa forma, é importante estudar essa temática na literatura nacional; ao contrário do que se pode imaginar, conta com um registro significativo na história literária brasileira conforme foi estudada por Edilberto Coutinho em artigo chamado *Poesia, terminando em futebol* do livro *Criaturas de Papel*. Tomando como partida o artigo de Edilberto Coutinho, é necessário analisar as relações do futebol com a literatura. E contrariando o caráter masculino em que se desenvolveu o esporte ao longo das décadas, tudo isso começou com uma mulher: a poetisa Ana Amélia, que introduziu o tema na poesia em 1926, no seu

segundo livro de poesias intitulado *Alma*. Por esse motivo, ela foi ficcionalizada por Edilberto Coutinho no conto *Mulher na Jogada* do livro *Maracanã, adeus*.

Apesar de inspirada no futebol, seus textos voltavam-se para a tradição da literatura e do esporte gregos. Ela casou com Marcos Mendonça, goleiro campeão pelo América, tricampeão pelo Fluminense e goleiro da primeira seleção brasileira (1919); conheceram-se em um jogo do América, fato que resultou em um presente: a medalha conquistada pelo goleiro naquele jogo. Criou os seguintes versos para narrar o episódio:

Como um guerreiro grego, após uma vitória,
trazia à bem-amada a coroa de louro,
tu me vieste trazeresta medalha de ouro,
símbolo do fulgor que auréola tua glória.
Pois tu que, forte e audaz, na luta o conquistaste,
Vencido por vontade, a meus pés o lançaste
Para glorificar a vitória do amor.

E na poesia *O Salto* do livro *Ansiedades* ela exalta as virtudes de seu esposo como a um grande herói-atleta grego.

Ao ver-te saltar para um torneio atlético,
sereno, forte, audaz, como um vulto na Ilíada,
todo o meu ser vibrou num ímpeto frenético,
como diante de um grego, herói de uma Olimpíada,
Estremeci fitando este teu porte estético,
como diante de Apolo estremecera a dríada.
Era um conjunto de arte esplendoroso e poético,
enredo e inspiração de uma helioconíada.
No cenário sem par de um pálido crepúsculo
tu te lançaste no ar, vibrando em cada músculo,
por entre as aclamações de massa entusiástica.

Como um deus a baixar do Olímpo, airoso e Lévido,
tocaste o solo, enfim, glorioso, ardente, intrépido,
belo na perfeição da grega e antiga plástica.

E a partir dessa primeira aparição, a intercessão entre futebol e literatura foi cada vez mais frequente. Grandes escritores fizeram parte dessa história como Gilka Machado que em 1938 escreveu um hino *Aos heróis do futebol brasileiro – quarenta milhões de pensamentos/impulsionando os vossos movimentos*. Também em homenagem aos jogadores da seleção brasileira ela escreveu:

Aos vossos pés geniais
curvam-se, reverentes,
os cérebros do universo
Em vossos pés heroicos
depõe um beijo
a alma do Brasil.

Em relação a histórica derrota da seleção brasileira para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, o poeta Antônio Olinto escreve no poema *Maracanã*.

Na vala o vagido
lembrava o vazio
da vida varada
sem vezo de estrela.

É possível perceber que as derrotas foram fontes poéticas bastante produtivas e assim como Gilka Machado e Antônio Olinto, outros autores aproveitaram esses momentos. Carlos Drummond de Andrade, no dia seguinte a eliminação do Brasil na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra:

O dia-não completa o dia-sim
Na perfeita medalha. Hoje completos
são os atletas que saúdo:
nas mãos vazias eles trazem tudo
que dobra a fortaleza da alma forte.

Já Homero Homem foi muito mais passional em relação a essa Copa:

Vavá não acertava,
errava seu Mané.
Didi driblava mal,

perdemos Rei Pelé.

João Cabral de Melo Neto é um dos maiores poetas brasileiros e ele não se esquiva do tema exaltando o esporte nacional em *O futebol brasileiro evocado na Europa*.

A bola não é a inimiga
como o touro, numa corrida;
e embora seja um utensílio
caseiro e que se usa sem risco,
não é o utensílio impessoal
sempre manso de gesto usual;
é um utensílio semivivo
de reações próprias como bicho,
e que, como bicho, é mister
(mais que bicho, como mulher)
usar com malícia e atenção,
dando aos pés astúcias de mão.

A oscilação emocional, depois bem explorada por Edilberto Coutinho, é também recurso de Vinícius de Moraes. Em relação a Garrincha faz uma apoteose do craque que se une em simbiose a torcida. Logo após, outro texto *Canto de Amor e de angústia à Seleção de Ouro do Brasil*.

Num só transporte, a multidão contrita
em ato de morte se levanta e grita
seu unísono canto de esperança
Garrincha, o anjo, escuta e atende: - Gôooooo!

.....
Minha seleçãozinha de ouro eu vos suplico que não joguem mais em futebol internacional não porque o meu pobre coração não aguenta tanto sofrimento eu juro que prefiro ver vocês disputando só aqui dentro do gramado nacional porque aqui a gente sabe como é e embora eu torça pelo Botafogo ninguém vai morrer mas não é mesmo a não ser talvez o meu bom Ciro Monteiro quando o Flamengo joga entra bem porque nós somos todos irmãos e briga entre irmãos se resolve mas lá fora tudo é diferente.

E assim como Garrincha, alguns outros jogadores foram engrandecidos através da poesia, mais ou menos como Píndaro fazia em relação aos heróis atletas. Jorge Ben homenageou Zico e Fio Maravilha. Este último processou o cantor pedindo parte dos direitos autorais da música. O atacante não foi bem sucedido e teve seu nome retirado da canção. Depois desse incidente, Jorge Ben não deu mais nome aos seus heróis. Eis dois trechos da canção original:

Fio Maravilha, nós gostamos de você
Fio Maravilha, nós gostamos de você

.....
com muito amor
com explosão em gol
sacudindo a torcida

A paixão clubística também produziu versos interessantes como no caso de Chico Buarque, torcedor ilustre do Fluminense, que recebera de presente do cantor Ciro Monteiro uma camisa do Flamengo para a sua filha recém-nascida. Em resposta:

Amigo Ciro
muito te admiro.
O meu chapéu te tiro,
muito humildemente.
Minha petiz
agradece a camisa,
que lhe deste à guisa
de gentil presente.
Mas, caro nego,
um pano rubro-negro
é presente de grego.
Não de um bom irmão.
Gilberto Gil também canta sua paixão:
Alô torcida do Flamengo
Aquele abraço

Mas também houve manifestações de destaque dessa temática em prosa, normalmente em textos curtos como contos e crônicas. Um dos cronistas mais marcantes quando o assunto trata-se de futebol é

Nelson Rodrigues com vários textos como *A realeza de Pelé*, *O Eichmann do apito* e *A sombra dos criouloes em flor* presentes da coletânea *A sombra das chuteiras imorais*. Um dos textos mais célebres desse autor e que eleva o futebol e a seleção brasileira: *Complexo de vira-latas*. Nesse texto, ele destaca o modo como o trauma de 1950 influencia na atitude do brasileiro. Essa crônica enaltece o futebol brasileiro e age quase como uma profecia da vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1958, na Suécia.

Na mesma linha de exaltação do futebol e dos jogadores brasileiros segue Armando Nogueira com crônicas como *O craque e o grosso*, *Pelé e o Santos*, *Pelé no MIS*, *Picaresco*, *Pelé e Mané*, *A rua do coloca*, *Pelada de subúrbio*, *Alienação*, *Cobrões*, *México 70*, *Escritas Brasileiríssimas* e *Peladas*. No texto *Menino-que-chega*, ele deixa uma frase emblemática: *Deus é esférico*.

E também há escritoras que escreveram em prosa sobre futebol. Como exemplo, pode-se citar o nome de Rachel de Queirós que fez um texto chamado *Amistoso* pelo qual é possível conhecer o ambiente aristocrático do início do futebol no Brasil.

Muitas crônicas de autores importantes entram nesta lista: *Gol de padre*, de Sergio Porto; *Poema de um coração rubro*, de Marques Rebelo; *O time do Neném Prancha*, de João Saldanha; *O sapo de Arubinha*, de Mario Filho; *Salvo pelo Flamengo*, de Paulo Mendes Campos e *O velho e a bola*, de Maneco Muller.

E para encerrar essa síntese, é necessário destacar a coletânea de textos Maracanã, adeus de Edilberto Coutinho que conseguiu em onze contos mostrar o futebol sob vários ângulos. Com este livro ele recebeu o importante Prêmio Casa de las Américas, em 1980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Flávio. Notas sobre o futebol como situação dramática. In: BOSI, A. (Org.). *Cultura Brasileira: temas e situações*. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2010. p. 151-166.
- ALMEIDA, L. S. Imperial power and politics in the official entertainment. *Clássica*, São Paulo, USP, v. 9/10, n 9/10, p. 132-141, 1996/1997.
- BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: temas e situações*. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2010.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*, vol. I. 21ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. *Mitologia Grega*, vol. II. 21ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. *Mitologia Grega*, vol. III. 21ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- COUTINHO, Edilberto. *Criaturas de Papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- COUTINHO, Edilberto. *Maracanã, Adeus: Onze histórias de futebol*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionário de Símbolos*. Trad. Vera Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- FIFA. History of Football: Britain, the home of Football. Disponível em: <http://www.fifa.com/classicfootball/history/the-game/Britain-home-of-football.html>. Acessado em: 6 de mar. 2014.
- FIFA. History of Football: Opposition to the Game. Disponível em: <http://www.fifa.com/classicfootball/history/the-game/opposition-to-the-game.html>. Acessado em: 6 de mar. 2014.
- FIFA. History of football: the global growth. Disponível em: <http://www.fifa.com/classicfootball/history/the-game/global-growth.html>. Acessado em: 6 de mar. 2014.
- FIFA. History of Football: The Origins. Disponível em: <http://www.fifa.com/classicfootball/history/the-game/origins.html>. Acessado em: 6 de mar. 2014.
- FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. 25ª Ed. São Paulo: Graal, 2012.
- LESSA, Fábio de Souza. O Esporte como memória e festa na Hélade. In: LESSA, F. de S.; BUSTAMANTE, R. M. da C. (Org.). *Memória e Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 327-334.
- MAGALHÃES, L. G. Histórias do futebol. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.
- SILVA, Amós Coelho da. Os jogos e as instituições sociais em sociedades arcaicas e primitivas. In: LESSA, F. de S.; BUSTAMANTE, R. M. da C. (Org.). *Memória e Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 157-164.
- TUBINO, Manoel. Pesquisa e análise crítica sobre o conceito atual das manifestações esportivas. In: TUBINO, M. (Org.). *Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2010.
- VERNANT, Jean-Pierre. O indivíduo na cidade. In: VEYNE, P.; VERNANT, J-P.; DUMONT, L.; RICOEUR, P.; DOLTO, F.; VARELA, F.; PERCHERON, G. *Indivíduo e poder*. Lisboa: Edições 70, 1987.